

Aula inaugural do ano lectivo 2010-2011

Algumas considerações sobre arte e educação

Manuel Guerra

Ex.mo Senhor Presidente do Instituto Politécnico de Coimbra,

Ex.ma Senhora Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Coimbra,

Ex.mo Senhor Presidente da Escola Superior de Educação de Coimbra,

Ex.mas Senhoras Presidentes da Assembleia de Representantes, do Conselho Técnico Científico e do Conselho Pedagógico da ESEC,

Distintos convidados,

Caros Colegas Docentes e Não-docentes

Caros alunos

Quis o Presidente desta Escola Superior de Educação que eu tecesse algumas considerações que pudessem ser pertinentes no quadro da Aula Inaugural do Ano Lectivo de 2010/2011, coincidente com o Dia da ESEC. Agradeço o convite, impossível de recusar, e que muito me honra, e proponho-vos reflectirmos em conjunto, hoje, aqui, sobre alguns assuntos que me preocupam pelo menos desde 1973.

Neste percurso, não posso deixar de lembrar penhorado algumas das pessoas que marcaram a minha vida, as minhas figuras tutelares:

Paulo Quintela

Transmontano, filho de gente humilde, Quintela foi Professor de Germânicas da Universidade de Coimbra, fundador e director artístico do TEUC, de 1938/1968; tradutor sensível dos grandes poetas, particularmente da literatura alemã; Prémio Goethe: prata e ouro; Prémio Europeu de Tradutores. Sócio honorário da AAC. Nos tempos difíceis do fascismo, era dos poucos Professores da Universidade que ousava assistir às Assembleias Magnas dos estudantes em sinal de apoio à sua luta.

“Almocreve da cultura” como gostava de designar a sua acção, a ele devo as viagens iniciáticas a bordo das Barcas de Gil Vicente, à descoberta do mundo. *Manuel Alegre resumirá assim o inestimável trabalho de formação teatral, estética, cultural e cívica levado a cabo por Paulo Quintela nos longos ensaios e nas encenações no TEUC: “ Nada sabí amos*

da língua portuguesa / e então sílaba a sílaba ele ensinou-nos / a música secreta das vogais / a cor das consoantes a ondulação o ritmo / o marulhar das frases e o seu / sabor a sal / E também como pisar um palco / como falar como calar e sobretudo / como sair de cena e entrar / no grande teatro deste / mundo / Porque tudo era proibido e ele nos disse / que tudo pode ser ousado / desde que se aprenda a entrar a tempo / a colocar a voz e não perder / a alma.” (1)

Deniz Jacinto

Esse gigante, de 1,65m e bigode repenicado, incendiava palcos e plateias com diabos que todos os seus contemporâneos recordam com um brilharinho nos olhos.

À mesa modesta duma tasca anónima, da Av. Fernão de Magalhães, no Porto, invocados pela sua palavra afeiçoada, vi eu sentados, à altura do pão levantado do fogo, aconchegarem-se os gregos à sua trágica e cômica grandeza. Tive a felicidade de conviver com ele, já trémulo do Parkinson, mas sempre lúcido, até ao fim dos seus dias. E sempre o vi, rosto levantado, tratar os deuses por tu, único sentido do leme de quem sabe desafiar as águas, pronto a encetar qualquer honrada travessia.

Mário Barradas

Esse louco de coração grande e das sete partidas do mundo que um dia ficou a dever a vida ao sogro que, em Macau, a caminho de Timor, fez a família toda perder o voo para poder acabar um jogo de casino. O avião perdido caíra ao levantar sem deixar sobreviventes.

Advogado, na então Lourenço Marques, e já depois de ter ajudado a fundar o TALM (Teatro Amador de Lourenço Marques), em 1969 faz voar os processos da sua secretária para a do seu amigo Almeida Santos e parte para Estrasburgo para estudar teatro. Regressado a Portugal, dirige o Conservatório Nacional a convite da Dra Madalena Perdigão. Após o 25 de Abril, recusa a direcção do teatro Nacional D. Maria II para encetar, a partir de Évora, o movimento da descentralização teatral. Lembro aos mais jovens que, antes do 25 de Abril, não havia companhias profissionais de teatro fora de Lisboa e do Porto. Peço-lhes que olhem o que, apesar de tudo, se passa hoje no país. Tudo isso começou com o Mário Barradas.

Perdoem-me a ousadia mas não posso aqui, neste momento, deixar de lembrar meus pais, gente humilde afagando meia dúzia de videiras e tenteando uma pequena venda de aldeia.

E aqui termino o intróito, que vai longo.

Passemos, então, à nossa conversa.

Independentemente do sentido que dermos ao conceito de “educação”, declaro desde já, que o tomo, no sentido mais sublime do termo, isto é, a função de criar as melhores condições para que cada um, ser único e universal, se eleve à altura do complexo e inquieto coração do homem assumindo as suas honradas obrigações para com os outros. Sim, falo de coração, esse órgão mítico, normalmente cantado como o espaço em que se conjugam e vibram em uníssono todas as dimensões do ser. Seja aqui, ou nas insuspeitadas e desconcertantes sinapses do cérebro, desconhecemos ainda, felizmente, qual a percentagem que cabe a cada uma dessas dimensões (física, cognitiva, afectiva) nas decisões que temos que tomar face às situações com que nos defrontamos no dia a dia. Damásio e outros encarregaram-se de roer as paredes das gavetas da cómoda onde se arrumava esse ser pretensamente compartimentado.

Como é que a educação acompanhou esses avanços da neurociência? Nada, de que eu tenha conhecimento.

Aliás, desde que me interesse pelos problemas da educação em Portugal, sempre me sobressaltei com o facto insólito de muito raramente se avaliar cada experiência realizada. E, assim, se passar à seguinte, numa cadeia interminável, desprezando a recolha eventual de ensinamentos da anterior.

Abreviando caminho que poderemos recuperar no debate – se for caso disso - penso sinceramente que no essencial, a educação de hoje continua os objectivos de sempre: assegurar a domínio ideológico da classe dominante; preparar a mão de obra, cada vez mais qualificada, necessária ao desenvolvimento da economia. Se acrescentarmos as novas tecnologias e a famosa criatividade - que parece nunca terem existido e apenas surgiram com os computadores - eis a escola de hoje.

A educação para os valores é nula, sejam eles éticos, estéticos, religiosos ou políticos. De que outra forma se pode explicar a barbúrdia que invadiu as escolas? Repare-se nas relações entre alunos (o famoso buylling, p.ex.), a relação professores e alunos, a relação entre pais e professores, as relações entre o ministério e as escolas, particularmente os docentes.

Estamos perante problemas demasiado sérios, nada fáceis de resolver em qualquer contexto, pior ainda quando se pretende uma educação a bom preço ao serviço duma sociedade cujo único valor de circulação é o vil metal e tudo aquilo que com ele se pode comprar.

Uma educação baseada na aquisição de conhecimentos e de competências a que se acrescentam as novas tecnologias e a criatividade, sem a enraizar no cultivo dos valores humanos mais profundos, está condenada à desumanidade e ao caos.

Repare-se no que aconteceu a nível mundial quando as catedrais do capital financeiro, com as suas piruetas especulativas, faliram ou ameaçaram falir? O mundo tremeu forte e está longe de se recompor, balançando entre a estabilidade incipiente e um novo tsunami.

E o optimismo não pode ser grande se repararmos que os artífices do seu renascimento e os valores de que se servem para o fazer são os mesmos com que incendiaram a sua Fénix. Para eles a história parou. Nem sequer repararam nas palavras de Bento XVI quando, em Maio, visitou Portugal. Cito de cor: “temos que nos habituar a viver numa sociedade diferente.” Neste aspecto, estou totalmente de acordo com ele. Só que isso não interessa aos pregadores do fim da história.

Nunca repararam, nem a educação lhes chamou a atenção para isso, que desde que o homem começou a enterrar os seus mortos num local especial, a fazer tegatés (danças, pinturas, urros/cantos) às árvores, à lua, ao sol e depois a inventar deuses à sua imagem e semelhança, inclusivamente com chefes e sub-alternos, jamais deixou de ligar a sua vida ao universo simbólico que foi construindo. Ao lado da religião, vamos encontrar as artes, que quase sempre nasceram dos rituais pagãos, desde a arte rupestre até à sofisticação dos dias de hoje.

Nos tempos que correm, se a alimentação das pessoas em geral e das crianças em particular merece cuidados especiais na nossa sociedade, porquê distinguir a alimentação do corpo da alimentação daquilo a que, por facilidade, chamamos espírito?

Uma sociedade democrática não pode deixar de ter em conta os dois aspectos sob pena de mutilar uma das dimensões fundamentais do homem.

Um outro aspecto que gostaria de chamar à colação é o que designarei por “efeito estufa”. Conseguir-se medir a poluição atmosférica, avaliar os buracos de ozono e prever as suas consequências bem como tentar preveni-los. Os buracos da “camada de ozono dos valores humanos” não me parecem menos perigosos; só que, dificilmente mensuráveis e de impacto social bem mais tolerado, direi mesmo que se tornaram insensivelmente contagiantes. Se ainda não se conseguiu que todos os países assinassem o Tratado do Quioto, como vamos sensibilizar os poderosos do planeta para o estado a que chegou a camada de ozono dos valores humanos em que alegremente nos atolamos dia após dia?

Ao constatar que, nos nossos dias, entre as actividades mais lucrativas, a nível mundial, se encontram o armamento, a droga e o tráfico humano, não podemos deixar de estremecer e, quase sem querer, sentir ecoar nos nossos ouvidos, perplexos, a voz de Galileu (pela a mão de Brecht) dirigindo-se ao seu discípulo: **“ao ponto a que as coisas chegaram, o máximo que podemos esperar é um raça de anões inventivos que se**

podem contratar por qualquer preço”.(2)

O funcionamento das linguagens

Refira-se que as artes são, antes de mais, linguagens. E os tipos de linguagens a que o homem recorre têm, pelo menos, dois tipos de funcionamento:

- o **funcionamento comunicacional**, veicular ou utilitário, quando queremos transmitir a outrem alguma informação que nos interessa a nós, a ele ou a ambos, com a máxima clareza e o mínimo de “ruído”;
- e o **funcionamento estético**: quando pretendemos, de forma individualizada, “mobilizar as virtualidades sensoriais e emocionais, sentimentos e ideias, as reservas de imagens do espaço íntimo, de acordo com uma lógica de júbilo e de comunicação” (3).

Procuremos rapidamente, clarificar essa diferença de funcionamento:

- posso dizer, escorreitamente, como se faz pão (ler receita ou fazer com que as pessoas o relembrem em voz alta) – **funcionamento comunicacional**;
- mas também posso dizer a mesma coisa, de outra maneira, através de um trabalho criativo e sensível sobre a própria linguagem. Recorro, por facilidade de compreensão, à lírica. Vejamos como nos fala disso Pablo Neruda:

Ode ao pão – “Pão, / com farinha / água / e fogo/ te levantas. Espesso e leve / reclinado e redondo, / repetes / o ventre / da mãe , / equinocial / germinação terrestre. / Pão, / que fácil / e que profundo tu és: / no tabuleiro branco / da padaria / estendem-se as tuas filas como utensílios, pratos / ou papéis, e de súbito a onda / da vida , / a conjugação do germe / e do fogo, / cresces, cresces / de súbito, / como / cintura, boca, seios, / colinas da terra, / vidas, / sobe o calor, inunda-te / a plenitude, o vento/da fecundidade, / e então / imobiliza-se a tua cor de oiro , / e quando já estão prenhes / os teus pequenos ventres / a cicatriz escura / deixou sinal de fogo / em todo o teu doirado / sistema de hemisférios... ..”(4)

e estamos noutro tipo de funcionamento: o **estético**. Para o que me proponho (distinguir o funcionamento comunicacional e o funcionamento estético das linguagens) basta, mas aconselho vivamente a leitura do poema por inteiro a quem, por ventura, o não conheça.

Outro tanto acontece na épica e na dramática, salvaguardadas as diferenças de cada género.

O poder da arte

Um outro assunto para o qual gostaria de chamar a atenção era para um dos poderes da arte. A capacidade encantatória do funcionamento estético das linguagens, dimensão imprescindível a ter em conta se queremos conquistar as crianças e os jovens para as

artes. Estou convencido, por exemplo, que não é pelo facto de duplicarmos o número de aulas de Português que asseguramos o gosto pela leitura. Mas, sobretudo, afinando perspectivas e estratégias que levem as nossas crianças e os nossos jovens a descobrir e fruir o funcionamento estético da língua materna, encantando-se com ela através dos grandes mestres.

A este propósito, do poder encantatório da arte, se ainda nos lembramos do filme “O carteiro de Pablo Neruda”, reparemos, de relance, neste pequeno diálogo entre a Tia e a sobrinha:

“No quarto de Beatriz (É já noite. Beatriz, sentada na cama, olha absorta pela janela aberta; entra a D. Rosa)

(...)

Tia

Minha filha, basta! Quando um homem começa a tocar-te com palavras chega longe com as mãos.

Beatriz

Não há nada de mal nas palavras.

Tia

As palavras são a pior coisa que existe. Prefiro mil vezes que um bêbado, no bar, te apalpe o cu, do que dizer-te que o teu sorriso voa como uma borboleta! “(4)

Os exemplos poderiam multiplicar-se, mas quedemo-nos por aqui, por economia de tempo.

As artes em geral têm a particularidade de favorecer:

- o desenvolvimento global da personalidade de quem a pratica e de quem a frui;
- o desabrochar e o fortalecimento de uma consciência exigente e activa relativamente ao meio físico, social e cultural que começa na nossa rua, no nosso bairro, na nossa cidade, para dar a volta ao mundo.

E as artes fazem isso tocando o homem na sua globalidade, repito, “mobilizando os nossos sentidos, as nossas emoções, sentimentos e ideias, convocando as reservas de imagens do espaço íntimo numa lógica de júbilo e de comunicação” .

É essa dimensão integral do homem que a sociedade democrática tem a obrigação de proporcionar a todos os cidadãos independentemente dos estratos sociais a que pertencem. E isso só pode acontecer nos espaços que todos frequentam. Por mim, tanto pode ser a escola como qualquer outro. O importante é que isso aconteça em algum lugar.

A arte é um cristizador de consciências funcionando, desse modo, como uma alavanca poderosa na construção do futuro à dimensão do homem.

Não é por acaso que, desde que o homem deu os primeiros passos, olhou as estrelas e se interrogou sobre si, sobre a sua relação com outros e com o cosmos, nunca mais prescindiu da arte.

Segundo Bettelheim, os valores estéticos são fundamentais para que cada um se torne “livre na luta para exprimir a sua visão de si e da vida.” E acrescenta: “embora nem todos possam ser criadores todos poderão apreciar e fruir a arte. E esta fruição, “ Para a imensa maioria, será a única oportunidade de se aproximar da visão dos grandes artistas”(5).

Em jeito de conclusão

A educação artística não é educação? Claro que sim. E estou convicto de que, sem educação estética, a educação é coxa. Será que pretendemos colaborar na amputação de uma das dimensões mais sublimes do homem?... Se não, de que estamos à espera?

É caro investir na formação artística? É. Mas muitíssimo mais caro é o analfabetismo, o abandono escolar, a delinquência, com toda a degradação social e miséria humana que arrasta consigo. Será que as únicas coisas importantes, em educação, serão aprender a ler, escrever, contar e usar criativamente as novas tecnologias?...

Regressemos ao nosso Carteiro, que me parece bem elucidativo a este propósito:

D. Rosa, tia de Beatriz, depois de se queixar que o carteiro, um homem cujo único capital são os fungos que tem entre os dedos dos pés, incendiou a sobrinha com metáforas, ameaça Neruda de dar um tiro em Mário se este continuar a assediá-la:

Mário (Depois de ouvir, escondido, atrás de um armário, a conversa entre ambos)

Querido poeta e companheiro, o senhor meteu-me neste sarilho, tem de me livrar dele. Deu-me livros, ensinou-me a usar a língua não só para lamber os selos. Se me apaixonei a culpa é sua.

Neruda

Não senhor, eu nada tenho a ver com isso. Dei-te os meus livros, sim, mas não te autorizei a plagiar-me. Pensar que deste a Beatriz o poema que escrevi para Matilde!

Mário

A poesia não pertence a quem a escreve mas a quem precisa dela.

Neruda

Muito aprecio essa frase altamente democrática...

Chegou, finalmente, o tempo de ensinar as nossas crianças e jovens a usar a língua não só para lamber selos?... O aprofundamento democrático torna inadiável essa tarefa para a construção profunda do eu e de uma visão do mundo à dimensão do homem e da sua plena humanidade.

Coimbra, ESEC, 19 de Outubro de 2010

Bibliografia

1. Delille, M. M. G. (2010). Paulo Quintela. In *Figuras da cultura portuguesa*, Centro Virtual Camões consultado em 10 Out. 2010, <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/pquintela.html>
2. Brecht, B. (1975). *La vie de Galilée*. Paris: L'Arche, p. 138.
3. Forquin J. C. (1982). A educação artística: para quê. In L. Porcher, *Educação artística: luxo ou necessidade* (p. 32). S. Paulo: Summus.
4. Neruda P. (1977). *Antologia breve*. Lisboa: D. Quixote, pp. 63 e ss.
5. Radford M. (1995). *O carteiro de Pablo Neruda* [registo vídeo]. Buena Vista Home Entertainment.
6. Bettelheim B. (1979). Points de vue personnels sur l'art et l'éducation esthétique. In *Survivre* (p. 496). Paris: Robert Laffont.
7. O Carteiro de Pablo Neruda, idem.